

## *Santa Missa em S. Eugénio, quinta-feira 15 dezembro 2016*

As palavras de Jesus que acabámos de ouvir são uma maravilhosa abertura do Seu coração. O Senhor fala ao Pai e aos discípulos. E assim, também nós, os cristãos, estamos chamados a falar com Deus e com os nossos irmãos. A evangelização, o apostolado, é precisamente o fruto da nossa intimidade com Deus, como escreveu S. Josemaria: “O teu apostolado deve ser uma superabundância da tua vida «para dentro»”(1).

Nesta celebração eucarística em sufrágio do bispo e Prelado do Opus Dei, o evangelho traz-me à memória a naturalidade com que D. Javier Echevarría procurava ensinar-nos a amar Cristo e os outros. Não havia dia em que não comentasse alguma passagem da Liturgia da Palavra ou dos textos da Missa. Fazia-o, naturalmente, em meditações ou conversas espirituais, mas também no meio da simplicidade da sua vida quotidiana. Assim, num instante se recolhia em oração e convidava os que tinha perto de si a rezar: por uma viagem do Papa, pela paz na Síria, pelas vítimas das calamidades naturais, pelos refugiados, pelos desempregados, e pelos doentes, por quem tinha sempre uma predileção particular, que aprendeu também de S. Josemaria. De regresso de uma longa viagem, antes de voltar a casa, ia até a um hospital visitar algum doente. Todos tinham um lugar no seu coração. Aprendeu do Fundador do Opus Dei a “amar o mundo apaixonadamente” porque – como explicava o santo – “no mundo encontramos Deus, (...) nos factos e acontecimentos do mundo Deus Se nos manifesta e revela”(2). E assim, D. Javier Echevarría amava a vida real, os factos, as histórias belas e verdadeiras da misericórdia de Deus.

Teve de responder a um desafio: ser o sucessor de dois santos, S. Josemaria e o B. Álvaro del Portillo. Estava convencido de não estar à altura. Mas, ao mesmo tempo, tinha a força espiritual e a valentia para avançar, sem perder nunca a esperança, porque era um destes pequenos a quem o Senhor revelou o mistério do seu amor (cfr. *Mt* 11, 29).

Conheceu na sua juventude o amor de Cristo. Inicialmente, no seio da sua família. Depois, com a grande luz que foi para a sua vida o encontro com S. Josemaria, descobriu com maior profundidade a beleza do amor de Cristo. Recordava como, naquela época, poucos dias depois de ter estado pela primeira vez com S. Josemaria, viajava de carro com ele e com outros, e ouviu-o cantar uma canção popular de amor humano, que S. Josemaria elevava ao plano divino: “tenho um amor que me enche de alegria, e é este amor o alento de cada dia”. Entendeu que aquele era o Amor de Deus por nós, e que o Espírito Santo infundia no nosso coração o amor para amar Deus e os outros. “O meu jugo é suave e a minha carga é leve” (*Mt* 11, 30), disse Jesus, porque o jugo é o amor: “Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei” (*Jo*, 15, 12).

Quando Javier Echevarría foi ordenado sacerdote, embora fosse muito novo, a Missa tinha-se convertido já no centro e raiz da sua vida, porque a Eucaristia é “fonte e coroa de toda a evangelização”(3), como ensina o Concílio Vaticano II. Durante mais de sessenta anos, ao revestir-se com a casula para celebrar os santos mistérios, gostava de rezar com o coração aquela oração da Igreja que recorda a doçura do jugo do Senhor: a imensidade da sua caridade e da sua misericórdia, revelada de modo excelso em Jesus, morto sobre a Cruz e ressuscitado por nós.

Seguindo o exemplo e o ensinamento de S. Josemaria, Javier Echevarría foi um homem de coração grande, capaz tanto de perdoar como de pedir perdão. Foi um grande apaixonado pelo sacramento da Reconciliação e da Penitência, em que deixamos Jesus entrar na nossa alma, e experimentamos a “plena liberdade do amor com que Deus entra na vida de cada pessoa” (4), como escreve o Santo Padre Francisco. D. Javier Echevarría, como vigário geral da prelatura, nunca teve outro objetivo

que não fosse o de ajudar o B. Álvaro del Portillo na sua missão de guiar esta pequena parte do Povo de Deus. Depois, a partir da sua nomeação como Prelado por João Paulo II, o seu pensamento e o seu desejo mais ardente foi o de ajudar, aqueles que tinham passado a ser os seus filhos e filhas espirituais, a procurar verdadeiramente a santidade que Deus deseja dar-nos; a irradiar o amor de Deus no nosso ambiente, especialmente mediante a procura da santificação através do trabalho e das atividades da vida quotidiana: na família, com os amigos, na sociedade. De facto, partiu para o Céu rezando pela fidelidade de todos.

Penso que podemos descobrir o segredo de tudo isto na leitura do Evangelho que acabámos de escutar. É a oração, a fé na presença amorosa de Deus que nos faz filhos de Deus em Cristo mediante o Espírito Santo: “Eu Te bendigo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas verdades aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11, 25). Efetivamente, a santidade não é outra coisa que a plenitude da caridade em nós: fazer frutificar os talentos que Deus nos dá, sair de si mesmo e abrir-se aos outros; a participação na vida de Cristo, isto é, o crescimento da filiação adotiva no único e eterno Filho do Pai. Poderia dizer-se que dentro do coração de D. Javier Echevarría fervia a espera impaciente da revelação dos filhos de Deus, a que se refere S. Paulo na Carta aos Romanos (cfr. Rm 8, 19).

Queria agradecer aos cardeais, aos arcebispos e bispos, aos irmãos no sacerdócio, às religiosas e religiosos, bem como às autoridades civis, e a tantos outros fiéis que quiseram unir-se à nossa oração por D. Javier Echevarría, e dar graças junto a nós por esta vida entregue ao serviço dos outros.

Gostaria de acrescentar algumas palavras, pensando especialmente nos fiéis da Prelatura. Se estivesse aqui entre nós aquele a quem chamámos Padre durante estes vinte e dois anos, certamente nos pediria que aproveitássemos estes dias para intensificar o nosso amor pela Igreja e pelo Papa, que permanecêssemos muito unidos entre nós e com todos os nossos irmãos em Cristo. E repetir-nos-ia aquilo que, especialmente durante os seus últimos anos na terra, chegou a ser nos seus lábios como que um estribilho: *que vos ameis muito, que vos ameis cada vez mais!* E não só nos seus lábios: era impressionante ver como estimava os outros. Recordo por exemplo que no dia antes da sua morte me manifestou a preocupação de estar talvez a ser um estorvo ao ver tantas pessoas que se ocupavam dele. E foi-me espontâneo dizer-lhe: “não, Padre, é o Padre que nos apoia a todos”.

Queridos irmãos e irmãs, chegam -nos todas as graças através da mediação de Maria. O Padre tinha um grande afeto por ela. Entre os muitos santuários de Nossa Senhora onde foi como peregrino – primeiro acompanhando S. Josemaria e o B. Álvaro, e depois como Prelado – está o de Nossa Senhora de Guadalupe, no México. A Providência quis que o Padre fosse chamado ao Céu no dia 12 de dezembro, festa de Nossa Senhora de Guadalupe. No mesmo dia, quando o seu estado estava a piorar, um sacerdote perguntou-lhe se desejava ter diante de si uma imagem de Nossa Senhora de Guadalupe; o Padre respondeu-lhe que não era preciso, porque não a conseguiria ver. Mas acrescentou que, no entanto, a sentia muito perto. Deixemos nas mãos da Virgem Maria, *spes nostra*, esperança nossa, a nossa oração por D. Javier Echevarría, enquanto damos graças ao Senhor por nos ter dado este pastor bom e fiel.

<sup>1</sup> S. Josemaria, Caminho, n. 961.

<sup>2</sup> S. Josemaria, Temas atuais do cristianismo, n. 70.

<sup>3</sup> Concílio Vaticano II, Decreto *Presbyterorum Ordinis*, n. 5.

<sup>4</sup> Papa Francisco, Carta apostólica *Misericordia et Misera*, n. 2.